LISBOA



Passeio de S. Pedro de Alcantara — Desenho e gravura de Barboza Lima

Quem vê a formidavel e alterosa muralha que sustenta os dois planos em que se divide o passeio publico de S. Pedro de Alcantara, conjectura logo que tão agigantada obra fôra destinada para alicerce e fundamento de alguma construcção collossal. Mas poucos sabem que alli se devia levantar um castello ou deposito de agua, e continuar o famoso aqueducto das Aguas-livres, por arcos similhantes aos do valle de Alcantara, que as levasse do bairro Alto para o da Graça, servindo ao mesmo tempo de viaducto entre o lado occidental e o oriental da cidade, atravessando o valle do Rocio.

Sabe-se que o risco do aqueducto das Aguas-livres, foi feito pelo brigadeiro Manuel da Maia até ao monte chamado das Tres-Cruzes, e d'ahi até Lisboa pelo sargento-mór Custodio Vieira; mas não existe, porque o fatal terremoto de 1755 devorou quasi todo o cartorio da junta da administração d'essa grande obra. Entretanto, os documentos e memorias que nos restam, são concordes em indicar que o aqueducto geral vinha da fonte de Agua-livre até S. Pedro de Alcantara, e d'alli havia de atravessar em arcos para o lado oriental da cidade.

El-rei D. Manuel foi o primeiro que intentou abastecer a capital com a copiosa nascente já então chamada Agua-livre de Bellas, querendo que ella viesse correr no Rocio; e seu filho, o infante D. Luiz, como pertencia á marinha, desejou leval-a á ribeira das naus, para d'ella se fazer a aguada das armadas da India, que iam tomal-a ao chafariz del-rei.

Em tempo del-rei D. Sebastião tratou-se com mais empenho de realisar este projecto, segundo consta de uma certidão passada pelo mestre das obras da cidade, Nicolau de Frias, o qual declara, que por mandado do presidente e vereadores de Lisboa, fôra medir a quantidade de agua que poderia ter a fonte da Agua-livre que se determinava trazer a esta cidade.

Filippe II mandou pelo mesmo architecto repetir a medição, que foi approvada, e deu ordem para se lançar uma imposição com que se começasse o aqueducto.

Consta que o senado de Lisboa tinha em cofre para esta obra mais de seiscentos mil cruzados, que se gastaram nas festas que se fizeram na entrada de Filippe III n'esta capital, em 29 de junho de 1619.

Este monarcha foi pessoalmente ver a fonte da Agua-livre; e de Madrid escreveu uma carta datada de 28 de julho de 1620 á camara de Lisboa, recommendando-lhe *que procurasse dinheiro prompto para fazer conduzir esta agua á cidade, por ter visto e presen-*

ciado a falta que d'ella havia. E em outubro do mesmo anno remetteu com outra carta régia, dirigida tambem ao senado, um plano de Leonardo Turriano, para trazer a agua-livre a Lisboa, mandando que fosse vista pelo presidente e officiaes da camara, os quaes dariam sobre elle o seu parecer, para que Sua Magestade podesse tomar a ultima resolução.

N'este plano indicava o auctor quatro caminhos por onde a agua podia ser conduzida; o ultimo dos quaes era pelo — *aqueducto antigo de los Romanos, el qual, por ir mas alto diez palmos que el de la estrada, puede dar agua a ambas partes de la cidade, a San Roche y sobre la porta de Santo Andres.*

Esta proposta não teve seguimento, talvez pela mesma razão por que foi regeitada a tentativa que se repetiu em 1663; isto é, por declararem os architectos e mestres da cidade, que a agua-livre não era bastante para se fazer a despeza de a trazer a Lisboa!

Em 1688 fez um Antonio de Miranda requerimento a el-rei D. Pedro II para trazer agua ao bairro Alto por um notavel engenho, como se veria pela experiencia que se obrigava a fazer, pedindo certa remuneração se a experiencia vingasse. O rei mandou consultar o senado, que informou a favor do pretendente. Mas ou a experiencia não se fez, ou o resultado foi desfavoravel, por que não consta que o projecto se realisasse.

Theophilo Dupinaut, fidalgo francez, alcançou em 1700 um alvará do mesmo rei D. Pedro II para conduzir agua a esta capital, fazendo cinco chafarizes para o provimento do povo, e vender por sua conta o que encanasse para os particulares. Depois de varias consultas e réplicas do proponente, desistiu elle da empreza.

Em 1728 appareceu outro emprehendedor, um tal La Pomare, que se offereceu para trazer a agua-livre a esta corte *com pouca despeza;* mas este projecto teve o mesmo exito que os anteriores. Não admira, porque similhante obra só podia ser levada a effeito com grandes cabedaes, como depois se viu.

Finalmente o procurador da cidade, Claudio Gorgel do Amaral, fez a el-rei D. João V uma proposta para trazer a agua-livre de Bellas á cidade de Lisboa, como por vezes o haviam intentado os reis seus predecessores, fazendo-se a despeza de tal obra por conta da fazenda publica.

El-rei mandou consultar o senado sobre os impostos que se deviam lançar para a execução d'esta obra. Foram varios os pareceres, sendo o de alguns vereadores que todas as provincias concorressem para esta obra, em attenção a ser de tão notoria utilidade e engrandecimento da corte, que é a cabeça da patria commum. Venceu-se porém, a final, que se lançasse unicamente uma imposição n'alguns generos do consummo da cidade e termo.

N'esta conformidade se lavrou o decreto de 26 de setembro de 1729 que approva os impostos que o senado julga sufficientes para custeamento da obra do aqueducto.

Passados dois annos, tendo-se já arrecadado uma boa somma d'esta contribuição, se publicou o alvará de 12 de maio de 1731, que manda dar começo á grande obra, que durou 66 annos de nunca interrompido trabalho, gastando-se em toda ella a somma total de 5.227:214$810 (13 milhões de cruzados).

A despeza feita com a compra do terreno e casas no sitio de S. Pedro de Alcantara, muralha, aqueducto e chafariz andou por 10:000$000 rs. apenas, segundo a relação inserta na preciosa *Memoria* publicada pelo ex-archivista da camara municipal de Lisboa, o sr. José Sergio Vellozo d'Andrade, d'onde extraímos as noticias que acabâmos de summariar.

O novo imposto lançado aos moradores de Lisboa e seu termo, para a obra das aguas-livres, desde janeiro de 1733 até ao primeiro de egual mez de 1799, orçou por 6.460:216$680 rs, segundo pôde apurar o sr. Vellozo de Andrade. Tendo a obra importado até áquelle anno de 99 em 5.227:214$810 rs., segue-se que sobraram 1.233:001$870 rs., que o governo saccou do cofre da junta para outras despezas.

As obras do aqueducto começaram por empreitada em 16 de agosto de 1732, e deram-se por acabadas em 1799, segundo consta das successivas medições que o sr. Vellozo de Andrade transcreve na sua *Memoria*. Mas apenas se gastaram 16 annos para chegar ás Amoreiras, em cujo arco se poz a seguinte inscripção, que foi mandada substituir pelo marquez de Pombal, sem que saiba a razão.

«No anno de 1748, reinando o piedoso, feliz e magnanimo rei D. João, V, o senado e povo lisbonense, á custa do mesmo povo, e com summa satisfação d'elle, introduziu na cidade as aguas-livres, desejadas pelo espaço de dois seculos; e isto por meio de um aturado trabalho durante vinte annos, em arrasar, desfazer e furar os oiteiros, na redondeza de nove mil passos.»

Por estas datas se vê, que depois da agua correr no chafariz das Amoreiras, o primeiro que se fez, continuou o aqueducto até S. Pedro de Alcantara, e se fizeram os diversos encanamentos para muitos chafarizes e fontes publicas.

Não sabemos ao certo em que tempo se levantou a muralha de S. Pedro de Alcantara. N'uma representação feita a el-rei D. José I, pelo povo de Lisboa em 1752, contra a supplica que fizeram os padres da congregação do Oratorio, para se lhes dar agua do aqueducto para o seu novo convento das Necessidades, diz-se em som de queixume — «que o aqueducto ainda não chega a S. Pedro de Alcantara, *logar em que por determinação de Sua Magestade se deve fabricar o castello ou erigir o soberbo deposito de todas as aguas do aqueducto, para se distribuirem ao arbitrio da arte nos ramaes dos aqueductos menores.*»

E n'outra representação sobre o mesmo assumpto, diz tambem o povo — «que o aqueducto ainda não está concluido na ultima perfeição, *pois no sitio de S. Pedro de Alcantara, em que se devia erigir o deposito das aguas, ainda nem principio se vê edificado.*»

Por aqui se mostra que em 1752 estava feita a muralha, mas ainda se não tinha dado começo á obra do deposito, para o que havia muita cantaria apparelhada nos telheiros que por muito tempo se conservaram n'aquelle sitio.

Como todas as nossas obras publicas, esta do aqueducto ficou por acabar, não se dando execução ao plano primittivo.

Ficou aquelle terreno de S. Pedro de Alcantara servindo de vasadoiro publico, até que em 1830 se mudou para alli o commando da guarda real da policia, e se fez um quartel para a cavallaria da mesma guarda. Arborisou-se então o plano de cima. Quando em 1835 a camara municipal de Lisboa tomou conta da direcção das aguas livres, e depois dos passeios publicos, estando já gradeado o plano superior de S. Pedro de Alcantara, mandou ajardinar o plano debaixo, fazendo-lhe duas escadas lateraes, com seus cancellos, que se fecham ao sol posto.

O plano superior, transformado hoje n'uma densa lameda, com assentos á roda e por baixo das arvores, é todas as noites illuminado a gaz, estando sempre aberto ao transito publico.

O sr. conselheiro Agostinho da Silva, que por muitos annos se encarregou obsequiosamente da direcção d'este passeio, foi quem conseguiu leval-o ao estado em que se acha, sem grande dispendio do municipio. Hoje é um dos mais agradaveis passeios da cidade, muito concorrido nas tardes e noites de verão. D'alli

se goza a vista de grande parte de Lisboa e do Tejo, pois fica a 73 metros sobre o nivel do rio.

A muralha, na sua maior altura, que deita para a rua das Taipas, tem 20 metros. Por isso tenta os que perdem o amor á vida, e d'alli abaixo se tem lançado muitos infelizes, mórmente depois que se fecharam os arcos das aguas livres pelo mesmo motivo.

QUEM ERRA E SE EMENDA A DEUS SE ENCOMMENDA

CONTO POPULAR

IMITAÇÃO DE ESPINOSA

IV

(Conclusão. Vid. pag. 179)

O relogio da egreja da sé dava as dez horas da noite, e o seu lugubre soído, retumbando pelas sinuosidades da cadeia proxima, apagava-se dolorosamente no timpano de uma joven reclinada em miseravel cama, n'um dos tristes calaboiços d'aquelle sinistro edificio. Era Isabel.

Ao seu lado, um ancião em cujo rosto se desenhavam probidade e virtude, punha desvelada attenção em consolar a infeliz, que, enlevada na contemplação de uma criancinha que tinha entre os braços, apenas escutava as palavras do bom velho. Era este o criado Antonio, que, sabendo a infelicidade da sua menina, se dera pressa em vir a Lisboa para lhe testimunhar o seu respeitoso affecto.

O ecco do relogio, ferindo o ouvido de Isabel, tirou-a em fim d'aquella profunda abstração, e cravando os magoados olhos no debil menino que estreitava com delirio contra o seio, exclamou com o accento da desesperação:

— Amanhã comparecerei ante o tribunal como criminosa, e sou innocente...

— Creio, menina.

— Sou innocente, Antonio; juro-to por minha salvação, pela vida de meu pae, e pela d'este infeliz, que, vindo ao mundo n'este logar de angustias, só abrirá talvez os olhos para chorar a orphandade e a desgraça.

E dizendo isto, estreitava convulsivamente a criaturinha, cujos debeis vagidos se perdiam na abobada da infecta prisão, e os olhos arrasavam-se-lhe de lagrimas, que rolavam pelas faces lividas, mas abrasadas por febres e insomnias.

— Hei de apparecer perante os juizes — repetia Isabel; — elles e o auditorio só verão em mim uma culpada...

— Acredite, menina: eu não a considerei tal, ninguem ousará tel-a em conta de criminosa. Eleve preces a Deus, e elle não lhe faltará na hora precisa. Reconheço que o sacrificio tem de ser penoso. Mas não padecemos todos cá em baixo? Assim remimos as nossas culpas, se as temos, e as culpas dos outros. Resigne-se, pois, que lhe hão de fazer justiça inteira.

— Conformar-me-hei, Antonio. Porém antes, responde-me a uma só pergunta: Eduardo morreu?

— Quando vim para aqui mandei saber d'elle, e consta-me que vive... curar-se-ha do ferimento...

— Seja Deus louvado por sua infinita bondade! Ouve-me agora. Ainda não entregaste a carta a meu pae? Não lh'a dês. Desventurado pae! Militar encanecido em cem batalhas da guerra peninsular, mal poderia soffrer com paciencia os baldões da filha que tanto adorava. Quando elle tiver conhecimento d'esta duplice infelicidade, exijo que lhe suspendas nos labios a maldição que vejo imminente. Sua filha não o merece. Tu bem n'o sabes.

— Descance em mim. Hei de cumprir os seus preceitos.

— Dize-lhe que se eu suppliquei isto de ti, é porque não desejo a condemnação d'este innocente, como sua mãe. Lastimem a misera, porém não a infamem.

— Quasi que lhe posso affirmar, que o extremo do senhor seu pae é superior a essa paixão.

— Ainda te digo outra coisa, Antonio. Apesar de tão repetidas offensas, não aborreço Eduardo; amo-o com o mesmo transporte, porque elle padece. Oh! e que affecto lhe tenho! Perdôo-lhe, perdôo-lhe... E por que não? Não é elle o pae de meu filho?...

— Socegue, socegue, menina, que tamanho alvoroço mata-a de certo.

— Pois bem. Faze-me o que te pedi, e deixa-me. Quero descançar. Amanhã, provavelmente, nos veremos no tribunal.

V

Isabel compareceu, com effeito, no dia seguinte perante o tribunal. Ia abatida, humilhada, cadaverica. Alguns dos que a viam descobriam-lhe logo no rosto os vestigios da criminalidade. Eram os physionomistas de má indole, que antevêem em todos os réos as provas da culpa. Outros havia, pelo contrario, que tinham ficado commovidos só com a passagem da infeliz. Estes, ao menos, eram abalados por um instincto bom, que induz antes a errar pensando bem, do que pensando mal. Com taes nos queremos de preferencia.

Quando Isabel entrou no tribunal as galerias estavam povoadas de espectadores. O juiz, o agente do ministerio publico, o advogado e o jury occupavam os seus respectivos logares.

A acusada recebeu dolorosa impressão ao entrar n'aquelle recinto, e ao ver os rostos severos dos que a deviam julgar. O abalo foi tão profundo como subito. Pensou que a covardia que revelava seria mal interpretada, e cobrou animo. O coração resfolgou-lhe, e as feições compozeram-se-lhe. Parecia outra.

O juiz presidente abriu a sessão.

Isabel foi sentar-se no banco dos réos.

As formalidades preliminares da sessão do julgamento foram cumpridas, e começou o depoimento das testimunhas.

Como os nossos periodicos, em geral, pouco se occupam de noticias judiciaes, os pormenores d'este julgamento nunca se souberam entre o vulgo. Entendendo que não valia o trabalho da busca, n'este caso, e para este conto, tambem não fomos examinar os autos.

A tradição refere que, logo em seguida ao depoimento das testimunhas ordinarias, as quaes nada podiam declarar além do que o leitor já sabe, houvera grande rumor com a chegada do ferido Eduardo, que, não attendendo a ninguem, saltára da cama para vir ao tribunal referir a verdade do desgraçado acontecimento de que elle fôra victima, e em que era, para a justiça, egualmente réo.

O relatorio de Eduardo impressionou o auditorio, e por modo tal o jury, que este conheceu o que lhe cumpria fazer. Isabel estava conturbada pela intima satisfação que lhe causára o procedimento de Eduardo.

O perdão, que nunca se lhe apagára interiormente, saltou-lhe dos labios n'estas palavras:

— O sr. Eduardo fallou verdade. Nem um ponto de mais, nem um ponto de menos. Deus ouviu as preces dos justos!

A audiencia, depois d'aquelle incidente, foi breve. Tanto a accusação como a defeza, não tendo que produzir, restringiram as suas allegações. Todos viam a innocencia de Isabel. Eram desnecessarios os subterfugios da rabulice.

O jury, pois, deu por não provado, unanimemente, o quesito proposto, e o juiz presidente mandou lavrar a sentença de absolvição de tão feio crime, como o que se attribuia á joven accusada.

Todos no tribunal ouviram, com inequivocos signaes de approvação, a leitura d'aquella sentença.

Á saída, o fiel Antonio disse para Isabel:

— Bem lhe dizia, menina, que haviam de fazer-lhe justiça inteira. A innocencia triumphou. Nem sempre assim succede!

VI

Quando Eduardo foi ao tribunal, levava em si o germen da transformação que se operou n'elle.

O remorso de um mau acto originára o arrependimento. Eduardo pensou na reparação, e consummou-a.

Quinze dias depois do que se acabou de narrar, Eduardo e Isabel casavam-se na egreja da Magdalena.

O pae de Eduardo, em quem successos tão violentos haviam despertado o ultimo atomo da sensibilidade qua ainda conservava no coração, quando os noivos regressaram da egreja, correu apressado ao encontro de Isabel, exclamando:

— Vem, minha filha, vem aos meus braços, porque tu és digna de que te dê o nome de pae!

O militar encanecido em cem batalhas da guerra peninsular, pae de Isabel, fôra chamado de Cascaes para assistir a scena tão pathetica, e chorava de alegria. Nunca pensára em amaldiçoar a filha, a quem amava com estremecimento.

Raiára a felicidade para aquella familia.

BRITO ARANHA.

O POÇO ROMÃO

Muito falladas são as bellezas do Minho, tão rico e tão formoso, que afoitamente se lhe póde chamar jardim de Portugal; e raras vezes se faz memoria d'alguma das outras provincias. Tem sido justa a preferencia, por que o Minho é de todas as provincias a mais conhecida pela da bondade e numero de seus pastos, navegabilidade de seus rios, fertilidade do solo, e pela ampla rede de estradas de que está coberto; mas hoje que este melhoramento vae ganhando todo o reino, devem apparecer a lume novas bellezas, nunca d'antes exploradas, nem talvez conhecidas.

A gravura que precede estas linhas representa uma das magnificencias naturaes da provincia de Traz-os-Montes. É um arrojo da natureza, cuja contemplação infunde na alma do observador uma ordem de idéas, para que não chegam pennas nem pinceis.

Villa-Real sentada em amphitheatro na confluencia dos rios Corgo e Cabril, vae por um dos lados terminar em uma pequena ermida da invocação de S. João, que por estar fundada no coruto de enorme rochedo se conhece por ermida de S. João da Fraga. Quem chegar a este ponto, deixando atraz de si a povoação alegre e laboriosa, onde o malhar das officinas da rua dos ferreiros aturde, fica attonito pela transformação subita: desapparece alli a vida agitada e tumultuosa, cava-se-lhe aos pés um abysmo, onde como que ruge um leão encadeiado, e em frente desdobram-se horisontes sem meta, em que se descobre um infinito de terra e ceo. As serras do Teixeira, Padornellos, Gerez e Marão, figuram-se d'aquella eminencia leves ondulações do terreno, sem alguma importancia zoologica, e que brandamente se alastram para não perturbarem a convexidade do globo.

Não é porém a belleza e variedade do panorama que dá importancia a esta secção geologica do paiz, constituido em enorme castello de rochas primitivas, cortadas a pique sobre o rio Corgo, cujo nivel está seguramente 300 metros inferior á ermida de S. João da Fraga, de quem se póde dizer, visto da margem do rio, o que li no inédito d'um passeio á serra da Louzã: Parece que a natureza em uma hora de adoração começou a elevar-se até Deus, e chegando áquella altura deixou alli para sempre erguido um padrão da sua piedade...

No fundo d'este abysmo está o poço Romão representado na gravura, contrastando na placidez e apparente immobilidade das aguas com o sussurro da queda de que se alimenta, e com o horrisono fragor da cataracta do Penedo em que se despenha, resaltando por entre fragas em frocos d'espuma alvissima na altura de mais de 350 metros. Quer se debruce o observador á beira do abysmo, medindo-lhe a altura, quer da margem do Corgo busque o azul do ceo, pasma de ver a belleza d'aquelle colosso de granito, que ora parece submergir-se nas entranhas da terra, ora encastellar-se até fender as nuvens. Alli, a par dos arrojos da natureza, admira-se o atrevimento e presistencia do homem. A vegetação luxuosa e robusta que se descobre nos ingremes socalcos suspensos na sinuosidade do fraguedo, mostra a constante lucta do pensamento com a materia, e as conquistas que cada dia vae fazendo um sobre outro. No entanto, sente-se alli a pequenez das obras do homem ao pé da magestade das obras de Deus. O mais arrojado esforço d'arte é um mesquinho arremedo dos da natureza. As pyramides do Egypto são massas enormes de pedra sem expressão e sem vida: o resultado da ordem architectonica, a mais elegante, a mais robusta, não tem a grandeza, a estructa admiravel da humilde grama que pelo chão rasteja, ou do Hymalaia que se avisinha do ceo.

Fronteiro á ermida de S. João da Fraga está suspenso sobre o abysmo o *pinheiro da raposeira*, arvore secular e gigante, filha digna da região que habita. Quem olhar com attenção este *duo*, ha de achar entre a arvore e a ermida um pensamento grande: o consorcio da religião e do trabalho, collaborando no progredir da humanidade. Parece que no meio de um medonho cataclysmo se abriu a serra para dar, por suas entranhas, passagem ao Corgo, e este, invadindo o leito aberto alli, repousou das fadigas da jornada que traz desde a sua fonte na serra do Amezio, e em que prosegue até á Regoa onde vae afogar-se nas aguas do Douro.

Bellezas geologicas d'esta natureza são frequentes em Traz-os-Montes, pois quantos rios cortam esta provincia, Sabor, Tua, Mação, Cabril e outros, correm por leitos não menos fragosos: o que fez dizer ao auctor dos «Successos Militares» das nossas armas na restauração de 1640, João Salgado d'Araujo, que não convinha á provincia o nome de Traz-os-Montes, por que toda ella em suas mesmas entranhas é entrelaçada com elles, e para consentir entrada inclina em alguma parte suas mesmas serranias.

Em parte alguma se encontram tantas bellezas reunidas. De um lado Villa-Real descendo a ençosta do monte, e passando o Corgo pela ponte de Santa Margarida para se ir dependurar pela encosta fronteira; d'outro o poço Romão desaguando em soberba cataracta; d'aquell'outro um horisonte maravilhoso, tudo isto faz um conjuncto de grandezas que não se observam sem enthusiasmo, que não se recordam sem saudade.

SILVA MATTOS.

As linguas portugueza e castelhana são duas irmãs, que tem alguma similhança entre si, como filhas da lingua latina; mas uma e outra logra a sua propria independencia e nobreza, porque nem do portuguez se deriva o castelhano, nem o castelhano descende do portuguez.

D. RAPHAEL BLUTEAU.

LEITURAS MORAES

II

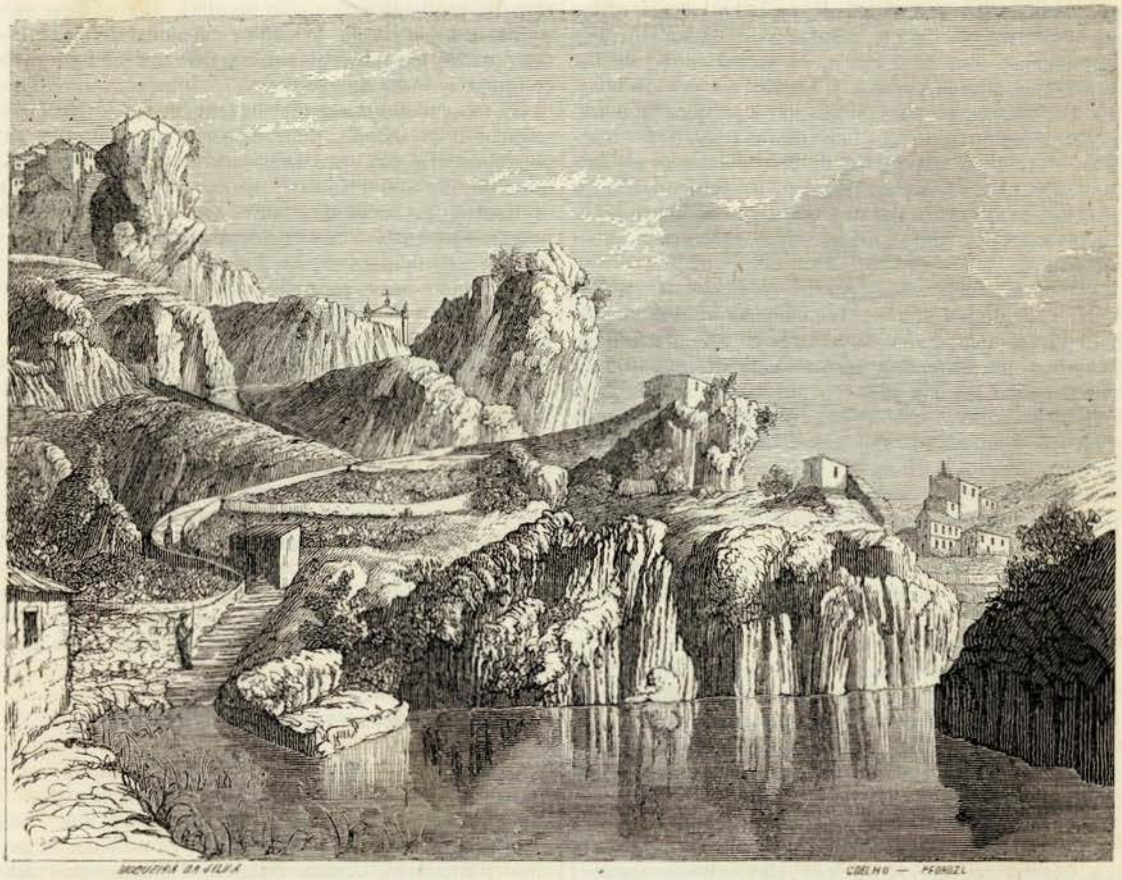
A PROBIDADE [1]

A probidade é uma virtude que consiste na pratica rigorosa de todos os nossos deveres. De todos. Se esquecerdes uma só das obrigações que vos são impostas pelas relações sociaes ou pela propria consciencia, não sereis homem probo, ainda que não mereçaes o rigor do codigo penal.

O juiz que desempenha escrupulosamente as suas funcções, é como o soldado, porque ambos devem morrer no seu posto.

— Pagam-me para julgar, dizia certo magistrado, devo o meu tempo ao meu officio de juiz.

Honrado homem se for ao tribunal para defender o fragil contra as violencias do forte, e o cidadão contra os abusos da auctoridade. Mas, se for movido por um interesse contrario, a probidade d'aquelle juiz será como a exacção do salteador em reunir os seus complices na embuscada onde, por ajuste prévio, devam assaltar os caminhantes.



Poço Romão — Desenho de Nogueira da Silva, segundo um esboço de Lopes Mendes

O juiz tambem póde concorrer para um acto de justiça, e não ser por isso mais probo; praticar uma acção justa sem ser justo. Temos o seguinte exemplo no Evangelho: [2]

«Havia em certa cidade um juiz que não temia a Deus nem respeitava os homens.

Havia tambem na mesma cidade uma viuva que costumava procural-o, dizendo: — Sustenta o meu direito contra o que pleiteia commigo.

E elle por muito tempo não lhe quiz deferir. Porém, a final disse comsigo: — Ainda que eu não temo a Deus nem respeito os homens;

Todavia, como esta viuva me importuna, far-lhe-hei justiça, para que por fim não succeda que, vindo ella mais vezes, me carregue de affrontas.»

[1] Artigo extraido das *Criticas* de Arnault.
[2] S. Lucas. cap. XVIII.

A probidade funda-se na intenção e não na acção. Ha egualmente juizes que são justos por engano; esses taes parecem-se com os jogadores de officio, que só quando erram dão boas cartas aos parceiros novatos.

Por effeito d'este principio, póde qualquer ser probo e ter concorrido para uma acção injusta. Chamillard, o melhor jogador de bilhar que teve assento no supremo tribunal de Paris, accusava-se de ter lido attentamente as peças de um processo de que era relator, tomando depois contra a parte, de cujo lado estava o bom direito, conclusões que foram adoptadas pelos juizes. Se elle tivesse procedido ao exame da referida causa com todo o escrupulo que exige a probidade, era desnecessario mostrar-se o mais probo dos magistrados indemnisando á sua custa a familia cuja ruina motivára por leviandade.

Por falta de instrucção, muitas pessoas honradas

podem fazer grande mal com as melhores intenções. Se a intenção contribue para o crime, o erro dimana do espirito; mas Deus guardará a sociedade dos serviços d'essa especie de individuos que fazem o mal com toda a paixão que tem para o bem. Os horrores com que o fanatismo se distinguiu em tantas epochas diversas, teriam por ventura outra origem?

Os tribunaes secretos que, na idade media, espantaram a Allemanha com as suas vinganças, eram compostos de fanaticos de probidade. A injustiça em seus excessos não tem sido mais cruel que a justiça d'aquelles tribunaes.

Se alguem se désse ao trabalho de investigar os principios dos homens cujas acções se condemnam, talvez reconhecesse que entre os que tomaram parte nos excessos da revolução franceza, os mais probos foram os mais terriveis. Inaccessiveis ás seducções que dominavam e arrastavam os seus venaes collegas, eram inflexiveis nas resoluções dictadas por suas consciencias. Em taes casos, os velhacos são menos para temer que os parvos. O parvo recusa o dinheiro que lhe offerecem para o desviar do crime que vae perpetrar como um acto honroso, e passa por scelerado. O velhaco arrecada o dinheiro, e passa por homem honrado. D'este modo, com a probidade que o caracterisava, certo ministro que recusou um milhão, não valia mais, como ministro, que o terrorista que o substituiu.

Em geral, faz-se consistir a probidade na indifferença pelo dinheiro, e no respeito pela bolsa alheia. Não haverá qualidades superiores a estas? milhares de outras que nos mereçam mais consideração? D'esta tendencia do grande numero em assim restringir o sentido da palavra probidade, colligir-se-ha que o dinheiro é a qualidade por excellencia para o grande numero.

— Que é, pois, essa materia, que só tem valor quando a tróco, e não me serve senão quando me separo d'ella?

— Acho que preferireis ao dinheiro todas as coisas de que não quero separar-me, e que elle não póde restituir-me.

Vejamos as razões.

Se calumniarem a vossa reputação, se offenderem vossa mulher ou vossa filha, se vos desencaminharem o filho, que era as vossas esperanças, acaso não vos terão feito — sem vos subtrahirem um só real — um damno incomparavelmente maior do que o ladrão que roubar as vossas arcas?

Lovelace é, sem duvida, tão generoso como desinteressado. Horrorisa-se com a idéa de accrescentar a sua fortuna por meios illicitos. Mas, quando menos, apiedou-se elle dos males que a corrupção de seus costumes produziu em uma familia inteira? E estava alli o homem probo!

A probidade, pecuniariamente fallando, divide-se em duas especies: probidade real e probidade legal, duas virtudes mui differentes. A ultima é a que não faz nada que não seja regular perante a lei, ou segundo a entende. É a probidade de Frederico, que acha tudo justo á excepção do que basta para que um homem vá ao patibulo! Que singular honestidade!

Ha cem modos de tirar o dinheiro das algibeiras alheias sem n'ellas pôr mão. Quando o sr. F..., possuindo os segredos do estado, monopolisa em todas as praças da Europa os *fundos na baixa*, aos quaes está seguro de, em tres dias, restituir o valor primitivo, será mais honrado que o jogador que atira com o dinheiro á banca? Sel-o-ha tanto como o agiota que sem certeza, e operando depois das combinações contrarias ás do sr. F..., se viu repentinamente arruinado por uma alta que não previa, e fulminado com a bancarrota por causa das fraudes do dito F...?

Tal capitalista, cuja casa era tão opulenta, e cujas operações foram sempre tão felizes como atrevidas, acaba de fallir. — Tomae, diz elle aos credores, tudo o que possuo. Não quero guardar nada; tomae até o ultimo real, nem acceito uma pensão alimenticia; minha mulher me sustentará.

— Que probidade! exclamam todos.

Procede-se ao inventario. E aquelle capitalista, cujos bens representam tres vezes o valor da sua divida, não possue um cento de mil réis em metal; tudo pertence á esposa com a qual contratára a separação dos haveres, que para ella tinham augmentado um quarto, desde que o marido, dando aos credores um por cento, restaurára, segundo elle, a reputação dos seus negocios. Pretendendo ter apenas salvo do naufragio commercial a sua probidade, [illegible] a quem lhe recorda as dividas: «Satisfiz a todos; *nada possuo:*» o que é verdade, ainda que lhe restem milhões... na mão da mulher!

Nunca se acabaria de narrar os meios de que muitas pessoas *honradas* usam diariamente para se locupletarem á custa do proximo.

Ha um procurador que não tem escrupulo em fazer pagar ao seu cliente duas vezes a mesma folha de papel sellado, nas interlinhas da qual rabiscou a minuta de um requerimento ou de um memorial para outro cliente. Bagatella! Será. Mas o fisco e o cliente não ficarão fraudados? D'este, comtudo, diria o mundo que não deixára de ser *homem probo*.

Lembrâmo-nos agora de uma honrada mulher que alimentava a familia com pombos. — «É economia, dizia ella, porque o sustento dos pombos sae barato. Fazem creação em casa, mas vivem fóra. À custa dos outros engordam para mim.» A consciencia d'esta mulher não a accusou nunca de roubo.

— Que excellente coisa é a probidade! — dizia um merceeiro a seus filhos. — Que reputação vos dá no commercio! que consideração vos assegura no mundo! Se sou juiz eleito ou thesoureiro da irmandade, é porque todos reconhecem o meu escrupulo. Nunca demorei um minuto o pagamento de uma letra. Tenho sempre apresentado boas contas, e vendido os generos com peso favoravel para o consumidor, e por preços rasoaveis. A proposito, Nicolau, já deitaste agua no tabaco?

— Sim, senhor.

— O charope na aguardente?

— Sim, senhor.

— O grão no café?

— Sim, senhor.

— A baga de loureiro no vinho?

— Sim, senhor.

— Muito bem. Agora vem resar comnosco, e imploremos a Deus, principalmente, que te não desvie da estrada da probidade que trilhas por meu conselho, e da qual me não apartaria por todo o oiro do mundo.

É mais verdadeira que a do nosso merceeiro a probidade de Turenne. O conselho municipal de ... veiu ao encontro d'aquelle general, a fim de lhe offerecer uma quantia consideravel, se elle determinasse que o seu exercito não passasse pelo territorio do municipio. — «Não é essa a estrada que sigo» — respondeu Turenne com simplicidade, recusando o dinheiro que lhe apresentavam.

Não conhecemos rasgo de probidade superior ao do mendigo de Molière. — «Senhor, julgastes que me daveis uma esmola de cobre, — disse elle ao grande escriptor que, por distracção, lhe dera um dinheiro em oiro.

Cabe aqui dizer que, se a probidade é virtude, é, principalmente, quando triumpha da indigencia. É mais facil para um grande e abastado, que para um pequeno e miseravel. O que em um será vergonha, é no outro heroismo. E com verdade, admira mais no estomago que na cabeça!

Não ha ninguem que não aprecie a probidade, começando por aquelles que não a tem.

Por effeito d'essas pilhagens permittidas aos exercitos quando occupam cidades inimigas, um official conseguira amontoar alguns contos de réis em joias custosas, o que lhe formára, dizia-o a todos, uma fortuna *honrada*, ao favor da qual, se alcançasse a reforma, esperava viver *honestamente* o resto de seus dias. Tendo que ir ao quartel-general por causa do serviço, partiu de casa deixando o seu thesouro sob a guarda de um secretario, que julgava mais probo do que elle. Ao regressar, soube que havia tres dias que o dito secretario tinha desapparecido. Corre ao cofre, e que encontra em logar das joias? Uma carta que resava, pouco mais ou menos, assim: «que um velhaco, ainda que carecesse de probidade ou de espirito, devia associar o confidente aos seus lucros; que não tendo, pois, contado com o secretario, bem azado era que o secretario contasse comsigo; que não se désse ao incommodo de fazer pesquizas, porque se o senhor... tinha meio de prendel-o, elle tambem possuia documentos para capturar o senhor...

— *Já não ha probidade!* — exclamava o official, depois de haver meditado na carta de despedida.

Desde aquelle dia, quando o distraíam da profunda melancolia em que o lançára a fuga do secretario, contemplando um pequeno annel de diamantes, resto do antigo esplendor, exclamava: — *Não ha probidade! não ha probidade!*»

Concluâmos.

Lemos algures, em bom portuguez, que: «é summamente difficil apreciar os actos da vida de qualquer homem, em relação aos da vida de outro, porque existem sempre milhares de circunstancias que só Deus póde conhecer e julgar, e de que necessariamente ha de um dia tomar contas.»

Mas, tenhâmos bem presente:

— A sociedade humana elèvar-se-ha a maior grau de felicidade á proporção que medrar em virtude.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(FRAGMENTO)

PAZ ENTRE PORTUGAL E HESPANHA EM 1668

(Vid. pag. 182)

A paz já estava celebrada nos espiritos da maior parte dos ministros portuguezes. O resultado brevemente mostrou ao abbade que até a esperança de ganhar tempo era illusoria. Pareciam adivinhal-o no cuidado com que, elle, o conde de Schomberg e o consul Gravier, se preoccupavam dos meios de fazer retirar de Portugal as tropas francezas que estavam a nosso serviço, logo que a paz se ultimasse. Temerosos de que Portugal não podesse fornecer-lhes as embarcações de que careciam, determinaram enviar a França mr. Chevry para receber lá as ordens do rei.

O trabalho de Saint-Romain tinha em verdade sido grande, mas desde o principio mal correspondido e improficuo. De tantas cartas e memorias ácerca d'este negocio, por elle escriptas ao principe e ao secretario de estado, só obtivera duas respostas; uma, boa, em 13 de janeiro; outra, muito secca, em 27 do mesmo mez. Nunca lhe tinham dado nem communicação nem aviso de coisa alguma antes de deliberada, por mais que se fizesse lembrado e andasse todos os dias no paço. Se não tivesse velado tanto, se não tivesse amigos que o advertissem, estaria exposto a ser illaqueado pelo que elle chamava falta e malicia do secretario de estado, a quem a penna dava a principal auctoridade nos negocios, auctoridade que conservaria de certo em quanto o governo fosse, como era, incerto e tumultuario. Pedro Vieira dissera sempre ao enviado francez, que tivesse n'elle inteira confiança, que nada perdêra em elle substituir a pessoa do marquez de Sande. A duplicidade do ministro manifestou-se alfim. O que tinha era procurado occultar, em quanto lhe conviesse, a sua inclinação á paz, fossem quaes fossem as suas condições.

Em quanto a rainha se occupa dos meios de dar satisfação á França, põem o marquez de Liche em liberdade, e deixam preparal-o para tratar da paz publicamente, sem que d'isso digam a menor palavra ao abbade. Saint-Romain não desconhecia quanto lhe era menos digno permanecer em tal situação, mas tinha a prudencia de continuar as diligencias para retardar, se fosse possivel, a conclusão prevista, em quanto não recebesse despachos de Paris. Além d'isto, dois outros objectos tornavam os seus officios ainda necessarios: primò, zelar ainda por algum tempo os interesses da rainha; secundò, preparar a retirada das tropas francezas.

Depois de Saint-Romain mandar comprimentar o embaixador inglez, na occasião da sua chegada (o que este lhe mandou agradecer), passára a fazer-lhe visita na companhia de Schomberg. Ainda que o não acharam em casa, o conde de Sandwich pagou logo o comprimento ao abbade. Tiveram então occasião de fallar das coisas occorrentes. Notára o francez que o officio que em Lisboa viera fazer Sandwich na paz particular de Portugal, não parecia nem ajustado nem conveniente, desde que el-rei christianissimo acceitára a mediação del-rei da Gran-Bretanha com a condição de procurar com a paz da França a de Portugal conjunctamente. Respondeu o inglez, que seguia as ordens que o secretario de estado de Inglaterra lhe dava, e que as tinha de 20 de dezembro passado: que tambem offerecêra á corte de Hespanha a mediação del-rei seu amo ácerca da França, mas que lh'a não tinham acceitado por ser incompativel com a do papa já acceita.

Na manhã do dia 9 houve conselho de estado. N'elle se resolveu não prescindir da restituição da praça de Ceuta, em Africa, que os hespanhoes não queriam entregar. De tarde o secretario das mercês foi procurar da parte do principe o enviado francez, e dizer-lhe, que ainda que os Tres-Estados o apressassem a fazer a paz, nada faria que não fosse justo e razoavel: avisava-o tambem de que n'esta tarde se deviam reunir os commissarios com o marquez de Liche.

— Até agora (lhe tornou o abbade) não se tomou o menor cuidado em dirigir os Tres-Estados. Ninguem lhe representou da parte do principe e do conselho as razões e obrigações que Portugal tem para não tratar sem a França. O que se tem feito são manifestações respeitosas pela paz. O proprio povo declarava, que se não a podiam obter boa e honrosa para o reino, se continuasse a guerra, offerecendo para isso seus bens e suas vidas. Nada vejo no procedimento do povo que possa servir de causa ou de pretexto para fazer esta paz contra a fé da alliança. Devo queixar-me de que nada me tenham communicado do que se tem passado sobre tal negociação, e não posso tomar ainda as coisas vagas e geraes que acabaes de dizer-me, como uma communicação sincera e verdadeira, qual eram obrigados a fazer-me pelo tratado. Mas este tratado e a França tem hoje pouca consideração n'esta corte!

O secretario não soube responder, senão que a conclusão d'este negocio justificaria Portugal.

A voz de que, depois da paz, os hespanhoes nos proporiam uma liga offensiva e defensiva contra a França, corria mui espalhada. Povo e nobreza, pareciam, entretanto, manifestar-lhe grandissima aversão. Pedro Vieira, a quem seu cunhado lembrava, da parte do partido francez, as incertezas, as nullidades e pe-

rigosas consequencias que via no tratado, respondia, que não lhe dava o menor cuidado isso que diziam, porque fazia paz tão duravel, que nenhum dos que a viam tratar a veriam interromper.

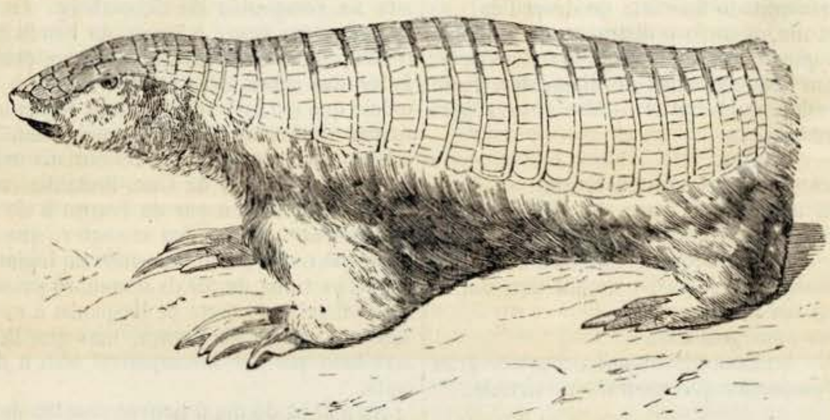
Tambem o conde de Sandwich dissera a um dos commissarios portuguezes, que tanto a França como a Hespanha procuravam a alliança e liga da Inglaterra, mas que sua magestade britannica não tinha ainda tomado nenhum partido, e só o tinha encarregado de saber dos portuguezes se, no caso d'elle preferir a liga de Hespanha, entrariam tambem n'ella.

Os deputados dos Tres-Estados, clero, nobreza e povo, fizeram em fim ao principe suas manifestações ácerca da paz: graças ao zêlo e credito de D. João da Silva, sectario da opinião franceza, conseguiu este que a do povo fosse a mais moderada, e levasse em termos expressos, que se a paz não podesse fazer-se boa e com honra, se continuasse a guerra com mais força que nunca, para o que offereciam seus bens e suas vidas. A maior parte, porém, dos individuos fazia consistir a honra da negociação nas suas condições, e quando ella não faltasse mais que ao respeito e reconhecimento da alliança franceza, não impediria isso que a concluissem.

Na noite de 9 houve nova conferencia com o marquez de Liche, e grande contestação ácerca da restituição de Ceuta. Os commissarios portuguezes queriam entregar a questão á arbitragem do rei de Inglaterra, mas o marquez disse ao conde de Sandwich, que não consentiria n'isso sem elle empenhar a sua palavra, de que seu amo não obrigaria o rei de Hespanha a restituir a praça.

Os prisioneiros castelhanos propagavam que as vistas de Hespanha, celebrando esta paz eram reunir na Catalunha um exercito de doze mil infantes e quatro mil de cavallo, e enviar para Flandres toda a infanteria que tinha na Galliza, embarcando-a na Corunha em embarcações inglezas, para maior segurança. O facto era que já em Vigo tinham começado a fazer alguns embarques.

Southwell, pouco satisfeito com o conde de Sandwich, que o não admittia nas conferencias, ia partir para Inglaterra. Perguntando a Schomberg se seu filho mais velho, que commandava o regimento de cavallaria in-



Clamyphoro truncado

gleza, quereria permanecer n'elle, se porventura este corpo passasse a servir em Hespanha, Schomberg lhe respondeu terminantemente, que seu filho tal não faria.

Antevendo que a expedição franceza tinha de retirar brevemente de Portugal, o conde de Schomberg começava a occupar-se com o destino que levaria: se não fosse empregado no exercito de Flandres, manifestava desejos de ir para o de Allemanha, onde não havia nenhum marechal de França.

(Continúa) — José de Torres.

CLAMYPHORO TRUNCADO

Este animal, posto que pertença á numerosa familia dos tatûs, de que já fallámos a pag. 8 d'este vol., é a unica especie do seu genero.

O escudo escamoso que o cobre não é tão completo como o do tatû gigante, do tatuête, do encoberto, do armadilho, etc.; por isso lhe chamam truncado. Ainda assim, quando são perseguidos, mettem-se todos na concha para se livrarem dos cães que os caçadores soltam para os apanhar. Se estão á beira de algum precipicio, deixam-se rolar como uma bola até ao fundo, sem quebrarem a casca, nem ter damno algum. Mas se não tem para onde rolar, os caçadores apanham-nos e os levam assim fechados.

Os clamyphoros andam com bastante velocidade, mas não podem correr nem trepar, e só conseguem escapar dos outras animaes seus inimigos, mettendo-se nas tocas subterraneas em que geralmente vivem, e d'onde só de noite sáem para comer.

Os selvagens da America gostam muito da carne dos tatûs, que alguns viajantes dizem saber a leitão: e da coiraça ou escudo que os cobre fazem cestos, caixas e outras obras que pintam de varias côres, tanto para seu uso como para vender.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

40.º

PERGUNTA

Póde empregar-se o verbo *sobrestar*, em sentido neutro, sem nenhum complemento? Por outra; é correcta esta oração:

Comecei hontem a escrever a lição, mas fui obrigado a *sobrestar*, porque me tinha esquecido o compendio.

RESPOSTA

É correcta, porque os verbos neutros, ou intransitivos, tem o complemento directo, incluido na sua significação.

O verbo *sobrestar*, empregado intransitivamente (porque tambem se usa transitivamente), significa *parar*, *cessar*, não *continuar* etc.

Tomemos um exemplo d'este emprego em auctor de nome, qual é Fr. Luiz de Sousa, na *Vida do Arcebispo*, l. 3 e 7.

«Mais vale *sobrestar* com siso antes de começar, que retirar depois com vergonha.»

Cumpre porém advertir, que é mais commum usar d'este verbo transitivamente, com o complemento expresso.